



Revista Eletrônica de Filosofia
Philosophy Eletronic Journal
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 15, nº. 2, julho-dezembro, 2018, p.195-203
DOI: 10.23925/1809-8428.2018v15i2p195-203

EXPERIÊNCIA PERCEPTUAL: UMA POSSÍVEL CONEXÃO ENTRE AS ABORDAGENS ECOLÓGICA GIBSONIANA E SEMIÓTICA PEIRCIANA

Sabrina Balthazar Ramos Ferreira

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP
sabrinarbf@hotmail.com

Resumo: A percepção se apresenta como um dos aspectos significativos da experiência humana. Seu estudo pode revelar o modo como o ser humano se relaciona com o mundo, devido à sua conexão com a forma de agir. Agimos no mundo diante do que percebemos. Neste trabalho, apresentaremos a análise da experiência perceptiva segundo os pressupostos da Filosofia Ecológica, proposta por James Jerome Gibson (1986). Em seguida apresentaremos as categorias da experiência de Charles Sanders Peirce (1887) buscando responder à seguinte indagação: seriam as duas abordagens análogas com relação ao papel da formação de hábitos e a relação organismo-ambiente na experiência perceptiva? Para tanto, exporemos os principais pressupostos da Filosofia Ecológica, ressaltando a intrínseca relação entre organismo-ambiente. Em seguida, nos debruçaremos sobre as categorias da experiência propostas por Charles Sanders Peirce, buscando averiguar qual o papel da formação de hábitos, assim como da relação organismo-ambiente, nessa dinâmica. Por fim, buscaremos traçar possíveis aproximações entre as duas abordagens, ressaltando em ambas a experiência perceptiva.

Palavras-Chave: Percepção. Filosofia Ecológica. Semiótica peirciana.

PERCEPTUAL EXPERIENCE: A POSSIBLE CONNECTION BETWEEN THE GIBSONIAN ECOLOGICAL APPROACH AND PEIRCEAN SEMIOTICS

Abstract: Perception is one of the significant aspects of human experience. Its study can reveal how the human being relates to the world because of its connection to the way of acting. We act in the world according to what we perceive. In this work, we will present an analysis of the perceptive experience of the Ecological Philosophy proposed by James Jerome Gibson (1986). Next, we will present the categories of the experience of Charles Sander Peirce (1887), seeking to answer the following question: are the two approaches analogous to the role of habit formation and the organism-environment relationship in the perceptual experience? For this, we will expose the main assumptions of Ecological Philosophy, emphasizing the intrinsic relation between organism-environment. Then, we shall turn to the categories of experience proposed by Charles Sanders Peirce, seeking to ascertain the role of habit formation as well as the organism-environment relationship in this dynamic. Finally, we will try to draw possible approximations between the two approaches, emphasizing in both the perceptive experience.

Keywords: Perception. Ecological Philosophy. Peircean semiotics.

Introdução

A percepção se apresenta como um dos aspectos significativos da experiência humana. Seu estudo pode revelar o modo como o ser humano se relaciona com o mundo, devido à sua conexão com a forma de agir. Agimos no mundo diante do que percebemos.

No que concerne à experiência perceptiva, dualismos tais como mente-corpo e organismo-ambiente são rejeitados pela Filosofia Ecológica, concebida por James J. Gibson (1986). De acordo com essa concepção, a relação organismo-ambiente é coevolutiveamente constituída e envolve uma dinâmica perceptiva intrinsecamente atrelada à ação.

A relação organismo-ambiente também é ressaltada por Charles Sanders Peirce (1839-1914), em suas análises da experiência. Alicerçado em pressupostos fenomenológicos, Peirce (1972) atribui significativo papel à formação de hábitos na experiência humana, denotando uma estreita conexão ser/mundo que nos possibilita traçar um paralelo entre as abordagens ecológica *gibsoniana* e semiótica *peirciana*.

Seriam as duas abordagens análogas com relação ao papel da formação de hábitos e a relação organismo-ambiente na experiência perceptiva? Nesse sentido, apresentaremos os principais pressupostos da Filosofia Ecológica, bem como as categorias da experiência propostas por Charles Sanders Peirce (1972) buscando compreender o papel da formação de hábitos em ambas as concepções.

A abordagem ecológica da percepção

Segundo a abordagem ecológica *gibsoniana* da percepção, organismos vivenciam o mundo através da percepção direta, não mediada por representações mentais. Suas ações advêm da inserção no ambiente, assim como das informações que esse ambiente disponibiliza para tal. A abordagem ecológica *gibsoniana* vai de encontro à abordagem representacionista, segundo a qual defende a necessidade de inferências por parte do observador no processo de percepção do ambiente.

A intrínseca conexão organismo-ambiente desfaz o entendimento de um ser desconectado do ambiente, possuidor de estados mentais que não dependem de fatores externos para ocorrer – tal como defende a corrente internalista de Filosofia da Mente. A Filosofia Ecológica, de caráter externalista, entende que estados mentais não são instituídos somente no sujeito, nem são oriundos somente de aspectos do ambiente, mas são procedentes da interação dinâmica entre ambos. Organismos inseridos no mundo *atuam* nesse mundo e *recebem* seus impactos. Esse todo coeso e dinâmico se caracteriza por uma visão sistêmica que se apresenta como uma engrenagem na qual “qualquer alteração em uma das partes implica em mudança na totalidade” (GONZALEZ; MORAES; MORONI, 2010, p. 127).

Para Gibson (1986), informações estão presentes no ambiente sob a forma de estruturas invariantes, independente da percepção de qualquer organismo. Essas estruturas são padrões informacionais presentes no ambiente e constituem *affordances*. De acordo com Gibson (1986, p. 127, tradução nossa), *affordances* “são o que ele [ambiente] oferece ao animal, o que proporciona ou fornece, seja para

o bem ou para o mal.”¹ O organismo é concebido como um ser atuante nessa dinâmica e não como um mero receptor de informações que o ambiente oferece. Portanto, *affordances* referem-se às possibilidades de ação que emergem da interação mútua entre organismo e ambiente.

Nesse sentido, *affordances* não estão situadas somente no ambiente, mas estão intrinsecamente relacionadas à percepção/ação dos organismos. Podemos observar nessa abordagem que Gibson buscou escapar a qualquer tipo de dualismo em sua concepção, por não priorizar apenas o ambiente e nem somente o organismo como peça central nos processos perceptivos. Seu foco sempre recai sobre a interação, o elo que constitui a base de seu paradigma ecológico. Segundo Large (2003, s/p., tradução nossa),

[...] na abordagem ecológica a informação perceptual é captada por sistemas sensoriais para revelar a estrutura invariante. Uma descrição dessa estrutura invariante refere-se, em parte, ao meio ambiente e, em parte, ao observador. A estrutura invariante é a informação para a percepção porque especifica a sua fonte no meio ambiente.²

O próprio conceito de *nicho* nos oferece a dimensão dinâmica e relacional que sustenta a teoria ecológica. Nichos são constituídos na percepção de *affordances* e na ação de organismos que o constituem, não sendo apenas espaços de recepção destes últimos. Nas palavras de Gibson (1986, p. 128, tradução nossa), “um nicho se refere mais a *como* um animal vive do que *onde* ele vive”. Por meio da percepção-ação nichos são constituídos enquanto ambientes repletos de significados, resultantes da relação dinâmica organismo/ambiente.

Para além da dinâmica de constituição de nichos, a Filosofia Ecológica também estuda a constituição de redes organizadas de emaranhados que emergem das correlações entre organismos. Essas dinâmicas compõem os nichos e são denominadas *nesting* (ninhos). Por meio da análise das referidas correlações, pode-se observar padrões que emergem da mutualidade entre organismos e que são constituídos através do tempo sem que um controle central seja necessário para sua ocorrência. Esses padrões despontam por meio de relações interdependentes sem planejamento a priori e são disseminados por sua complexa ação sistêmica.

Vivemos em dinâmicas sistêmicas que nos são dadas como certas e que apenas nos damos conta quando algo nos desvia de nosso comportamento habitual. Não se trata aqui de uma articulação estímulo/resposta, como no behaviorismo, pois as relações são fruto de uma cadeia evolutiva mais complexa, constituída na interação organismo/ambiente ao longo de muitos anos. O ser humano atua no ambiente através da percepção de *affordances* naturais e sociais, transformando-o

¹ [...] are what it offers the animal, what it provides or furnishes, either for good or ill. (GIBSON, 1986, p. 127)

² On the ecological approach perceptual information is picked up by the sensory systems to reveal invariant structure. A description of this invariant structure refers in part to the environment and in part to the perceiver. The invariant structure is information for perception because it specifies its source in the environment. (LARGE, 2003, s/p.)

por meio de seus hábitos e ações bem ou mal informadas. Contudo, deve-se ressaltar que não se trata de informações deterministas. *Affordances* são possibilidades de ação disposicionais, nas quais o organismo possui autonomia, devido ao seu estado de atenção, para atualizá-las ou não.

Evidencia-se que o ato de perceber *affordances* se traduz como uma ação dinâmica, na qual vem à tona informações do ambiente para a percepção ativa dos organismos. Por ser fruto dessa interação, podemos dizer que *affordances* sociais também emergem de articulações sociais provenientes da interação organismo/ambiente. Dessa forma, sua percepção se insere em determinados contextos que acabam por influenciá-la.

Diante das características que constituem um *nicho*, entendemos que aspectos socioculturais de um ambiente são fundamentais para sua compreensão. Cientes de que tais aspectos foram constituídos por meio da interação organismo-ambiente, temos que a percepção de *affordances* sociais é de algum modo determinada por estes fatores. Harry Heft (2007) aponta o papel significativo do social na abordagem ecológica.

Além de ser um dos diversos tópicos incorporados dentro dos estudos de percepção-ação, de forma significativa o "social" constitui parte das condições de fundo a partir do qual a psicologia ecológica própria opera. Visto como tal, as questões sociais assumem um papel muito mais central na psicologia ecológica do que é geralmente reconhecido³ (HEFT, 2007, p. 86).

Para Heft (2007), o social e o natural são enredados e constituídos através da relação de reciprocidade organismo-ambiente. Disposições sociais fazem parte da dinâmica ecológica de percepção de *affordances* do ambiente de modo significativo e, por isso deveriam merecer maior destaque nos estudos do gênero.

Aspectos socioculturais estão, dessa forma, presentes na maneira como percebemos e atuamos no mundo. Constituídos através do tempo, por meio de hábitos e crenças consolidadas, tais aspectos acabam por influenciar no modo como interpretamos o mundo. Emerge, portanto, uma articulação entre percepção/aspectos socioculturais/hábitos que reflete a abordagem ecológica de percepção de *affordances* sociais.

Nesse sentido, nos debruçaremos em seguida na interpretação *peirciana* de experiência para investigarmos o papel da formação de hábitos nos estudos sobre a percepção. Com isso, buscaremos verificar uma possível conexão entre a abordagem ecológica de percepção de *affordances* sociais e a interpretação *peirciana* de experiência no que concerne ao papel significativo da formação de hábitos na percepção.

³ In addition to being one of several topics that is subsumed *within* perception-action studies, significantly the "social" constitutes part of the *background conditions* from which ecological psychology itself operates. Viewed as such, social issues take on a much more central role in ecological psychology than is typically recognized. (HEFT, 2007, p. 86)

A experiência perceptiva segundo Peirce

O ser humano se relaciona com o mundo numa espécie de simbiose onde suas ações são parte da constituição de seu ambiente, assim como este contribui para a formação humana. Nesse contexto, a linguagem se apresenta como um dos aspectos emergentes dessa relação, segundo a qual através de sua análise, torna-se possível apreender as características intrínsecas que permeiam a relação organismo-ambiente. Enquanto ciência de toda e qualquer linguagem (SANTAELLA, 1992), a Semiótica se apresenta enquanto estudo significativo de um dos importantes aspectos da experiência humana. A linguagem não se limita apenas à língua verbal, mas se estende por diversas marcas da experiência humana no mundo. Ela age na interconexão dos seres entre si e pode ser observada desde as referências culturais de comportamento, até mesmo na concepção das cidades. Por ser constitutiva da ação dos seres no mundo, a linguagem desempenha um papel dinâmico, transformando-se na medida em que a relação organismo-ambiente se altera. Enquanto portadora de sentido, a linguagem é analisada pela semiótica “que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e sentido” (SANTELLA, 1992, p. 2).

Um dos precursores da Semiótica, Charles Sanders Peirce (1839-1914), se debruçou por diversas áreas do conhecimento, refletindo com isso, sua busca incessante por aquilo que constitui a experiência. Sem perder o caráter científico, Peirce (1972) concebeu sua semiótica enquanto uma Filosofia científica da Linguagem, buscando estruturar alicerces para embasar o estudo de qualquer tipo de linguagem. Para tanto, o autor se apoia na fenomenologia como base estruturante de seu sistema filosófico.

Segundo Peirce (1972), a Fenomenologia sustenta as análises da experiência e do pensamento, pois refuta qualquer juízo a priori descolado dos fenômenos. Aliás, foi através da exaustiva observação de fenômenos que o referido autor pôde constituir sua arquitetura da experiência, na qual fenômenos referem-se a tudo o que emerge da relação ser/mundo que possa ser apreendido pela mente. Nesse sentido, Ivo Assad Ibri, em sua obra *Kósmos e Noetós* (2015, p. 22), levanta certo questionamento: “onde se interporá a idiosincrasia da própria experiência individual?” Ao considerarmos as especificidades inerentes a cada relação de um ser com o ambiente, podemos entender que a conexão da interpretação *peirciana* de fenômeno com a relação ser/mundo é intrínseca. Para estruturar as categorias da experiência, Peirce (1972) se alicerçou nos aspectos significativos que permeiam toda e qualquer experiência. Conforme argumentado por Ibri (2015, p. 22), “[...] o aspecto particular da experiência é irrelevante na formação de uma categoria, já que o que a entretecerá é um modo geral de ser que permeia toda experiência”. Fenômenos ocorrem no mundo e são apreendidos pela mente, segundo aos quais suas análises devem se erigir a despeito de quaisquer embasamentos teóricos, estando apenas alicerçadas na observação genuína da realidade (IBRI, 2105).

Desse modo, como alvo de análises fenomenológicas, a experiência humana se caracteriza enquanto aspecto passível de ser apreendido pela mente, sem com isso se limitar ao seu aspecto racional. Sua apreensão transcende o mero elemento normativo e formal e carrega um significado que extrapola o pensamento deliberado. Com isso, vem à tona o caráter imediato da percepção do mundo fenomenológico, seguido, subsequentemente, pela apreensão do aspecto mais significativo e, em seguida, de seu enquadramento em uma generalização que ofereça inteligibilidade

ao que foi experienciado. Para Ibri (2015, p. 25), a análise da experiência pela Fenomenologia rejeita qualquer tipo de mediação entre o ser e o mundo, na qual “as três faculdades requeridas podem, assim, ser resumidas como *ver*, *atentar para* e *generalizar*, despindo a observação de recursos especiais de cunho mediativo”.

Nesse contexto, por meio de observações fenomenológicas, Peirce (1972) estruturou sua concepção de experiência, ao apresentar seus aspectos constitutivos. Segundo Peirce (1972), toda experiência carrega consigo três elementos fundamentais, a saber: *primeiridade*, *secundidade* e *terceiridade*.

A *primeiridade* se apresenta como aquilo que representa numa experiência sua originalidade e distinção. Trata-se de uma qualidade imediata e irrepetível, que se perde com qualquer tentativa de reprodução e reflexão. É aquilo presente no ato, não acessível em qualquer outro momento posterior. Tudo o que fica após o exato momento já foi rearticulado pela mente e com isso, esvaído no tempo. A noção de *primeiridade* carrega consigo ainda a ideia de ausência de *um outro*, sendo sua existência independente de qualquer outro aspecto. Além disso, o caráter temporal não participa da *primeiridade*, sua constituição se dá no *aqui e agora*, e está acessível somente ao observador *in loco*, sem recurso a processos inferenciais, apenas apreendida no exato momento do ato em si.

Já a *secundidade* ultrapassa essa fluidez, pois é ela que propicia à experiência seu caráter factual de ação e reação. Esse aspecto se caracteriza por seu fator externo, independente de nossa intenção, a incorporação material da *primeiridade* que, para existir, necessita de sua faceta incorporada no mundo. A ideia que desponta aqui é de alteridade, da presença do outro, fazendo-nos deslocar do eu e voltando-nos para a realidade concreta do mundo. Nesse aspecto há a materialização da experiência, ainda sem a necessidade de mediação racional. A *secundidade* se impõe enquanto presença não inferenciada, a despeito de nosso eu. Nas palavras de Ibri (2015, p. 26), “a binaridade presente neste *se opor a* traz consigo a ideia de *segundo em relação a*, constituindo uma experiência direta, não mediatizada”. Nesta categoria o fator temporalidade está presente, na qual sua categorização leva em conta a ideia de que *algo é*, sendo sua constituição no tempo considerada.

A *terceiridade* emerge como síntese racional entre a *primeiridade* e a *secundidade*, oferecendo uma camada de inteligibilidade a experiência humana. Sua concepção está atrelada a relação que o ser humano tem com o ambiente, a forma como ele percebe e age no mundo. A *terceiridade* se relaciona com a forma como interpretamos o mundo, por meio de sua elaboração cognitiva. A palavra esclarecedora dessa categoria pode ser definida por *mediação* – ausente nas categorias anteriores. O tempo emerge aqui enquanto elemento de fluxo, constitutivo da experiência, gestado no processo de cognição. No entanto, Ibri (2015, p. 36) deixa claro que “embora, fenomenicamente, a consciência sintética seja temporal, o autor [Peirce] não faz do tempo uma forma de sentido interno”. A ideia em voga aqui é de relação com o mundo, refutando assim, uma ideia de interioridade descolada do ambiente. Dessa forma, entendemos que o estudo da percepção pode auxiliar na compreensão das categorias da experiência.

Ao se debruçar sobre a observação da experiência, considerando seus aspectos constitutivos, Peirce (1972) entende que é por meio da percepção que o organismo age no mundo e onde o sentido da experiência pode ser apreendido. Tal apreensão não se reduz a operações puramente racionais, mas oferece

inteligibilidade à experiência perceptual. Por meio da categorização da experiência, concebida por Peirce (1972), observamos que a percepção carrega consigo um aspecto que reflete um julgamento daquele que percebe - a *terceiridade*. Segundo Santaella (1992, p. 11),

Para conhecer e compreender qualquer coisa, a consciência produz um signo, ou seja, um pensamento como mediação irrecusável entre nós e os fenômenos. E isto, já ao nível do que chamamos de percepção. Perceber não é senão traduzir um objeto de percepção em um julgamento de percepção, ou melhor, é interpor uma camada de inteligibilidade interpretativa entre consciência e o que é percebido.

Segundo a abordagem *peirciana*, a experiência percebida é constituída pelo *percepto*, *percipuum* e julgamento perceptivo, onde a *primeiridade* e a *secundidade* constituem não inferencialmente o *percepto*, estando o juízo perceptivo atrelado a *terceiridade*. O *percipuum* emerge como união entre *percepto* e juízo perceptivo, estando carregado de interpretação por parte do percebedor.

Uma das caracterizações do *percipuum* está na constituição dos hábitos de percepção. Dessa forma, ele reflete a maneira como um organismo interage constantemente com o ambiente, através da percepção-ação. De fato, “a *terceiridade* parece ter uma extensionalidade no tempo, traçada pela sua natureza de instância mediadora entre o passado vivido e a ação futura” (IBRI, 2015, p. 37-38). Agimos no mundo, norteados por uma percepção que é em parte constituída por hábitos. De acordo com Peirce (1972), é por meio de hábitos consolidados que nossas crenças são constituídas.

As nossas crenças guiam os nossos desejos e moldam as nossas ações. Os Assassinos, ou Seguidores do Velho da Montanha, costumavam precipitar-se na morte ao seu mínimo comando, porque acreditavam que obedecer-lhe lhes asseguraria uma felicidade interminável. Tivessem duvidado disso, e não teriam agido como agiram. Sucede o mesmo com toda a crença, segundo o seu grau. O sentimento de crença é uma indicação mais ou menos segura de se encontrar estabelecido na nossa natureza algum hábito que determinará as nossas ações. (PEIRCE, p. 7)

Podemos observar o papel significativo do hábito na formação de crenças, bem como na dinâmica de percepção-ação. Sendo a *terceiridade* a categoria da experiência que resulta da síntese racional entre a *primeiridade* e a *secundidade*, podemos entender que a constituição de hábitos se apresenta como um fator determinante da experiência, assim como da relação organismo-ambiente. Sendo assim, estaria a formação de hábitos presente na dinâmica perceptual da abordagem ecológica e da abordagem *peirciana*? Caso positivo, poderíamos enxergar certo ponto de aproximação entre as duas vertentes?

Formação de hábitos: intrínseca relação organismo/ambiente

Peirce (1972) aponta para o papel significativo da Fenomenologia, se debruçando sobre a análise da experiência enquanto sustentáculo de sua interpretação. A experiência denota o quão conectado com o ambiente está o organismo, o que acaba por ser evidenciado nas categorias estabelecidas por Peirce. A *percepção* da experiência vivida também é constituída na intrínseca relação estabelecida com o ambiente, bem como a consolidação de hábitos que estruturam crenças e contribuem para ação dos agentes.

A relação organismo-ambiente se opera de uma forma recíproca, em constante transformação. Esse aspecto confere dinamismo à experiência, refletindo seu caráter processual, não como algo acabado e dado a priori, mas em constante constituição. Alterações em nossos hábitos traduzem esse dinamismo, algo apontado por Ibrí (2015, p. 93) quando afirma que:

[...] é de se antever que um hábito adquirido, como representação de uma regra de conduta, deverá ser rompido sempre que a experiência evidenciar que a concepção subjacente à ação está equivocada. Este é o fator corretivo da experiência e a tradução mesma do predicado de “força” que ela foi imbuída já na exposição da Fenomenologia [...].

Dessa forma, assim como a relação de mutualidade organismo-ambiente da abordagem ecológica, a visão *peirciana* de percepção é concebida através do hábito que estrutura a crença perceptual e norteia nossa interpretação e ação no mundo.

De maneira análoga, a inseparabilidade organismo-ambiente está presente na maneira como a percepção de *affordances* é efetivada pelos organismos. *Affordances* sociais são percebidos por meio da interação social dos organismos, assim como se correlacionam com aspectos da experiência que emergem da maneira como é estabelecida a relação organismo-ambiente.

Para que um organismo capte as *affordances* de um ambiente, um longo processo de interação recíproca organismo-ambiente foi consolidado. Por meio de um percurso coevolutivo, organismos e ambiente encontram no hábito um processo de atualização contínua que confere à experiência seu aspecto dinâmico e fenomenológico. A percepção de *affordances* sociais pressupõe uma imersão no ambiente, na qual é possível captar generalizações e convenções constituídas no ambiente. Com isso, a constituição e *reconstituição* de hábitos, rompendo com padrões inadequados, correspondem a um *continuum* que traduz a dinâmica da experiência. Emerge aqui, atrelada à noção de hábito, a ideia de aprendizagem, atualização e aperfeiçoamento que condizem com a dinâmica de evolução do viver.

Conclusão

Conforme as análises esboçadas, concluímos que, tanto na percepção ecológica de *affordances* sociais, como nas categorias fenomenológicas propostas por Peirce (1972), a formação de hábitos possui um papel fundamental, traduzindo a maneira intrínseca como organismos se relacionam com o ambiente. Para ambas as teorias não há mediação entre aquele que *observa* daquilo que *é observado*, sendo

a experiência alicerçada em bases fenomenológicas que primam pela inseparabilidade organismo-ambiente. Ademais, noções de interioridade e exterioridade são refutadas tanto pela Filosofia Ecológica quanto pelas categorias *peircianas* de experiência, nas quais percepção e ação estão intimamente ligadas. Nas duas vertentes a percepção se opera no *aqui e agora* sem intermédios inferenciais, além de refletir um dos aspectos significativos da experiência humana.

* * *

REFERÊNCIAS

- GIBSON, J. J. **The Ecological Approach to visual perception**. New Jersey: Lawrence Earlbaum Associates, Inc, 1986.
- GONZALEZ, M. E. Q.; MORAES, J. A. MORONI, J. What is Ecological Philosophy? **Revista Kínesis**, Marília, v. 3, n. 5, p. 349-355, jul. 2011.
- GONZALEZ, M. E. Q.; MORONI, J. O Fisicalismo revisitado pela Filosofia Ecológica: as affordances sociais. **Revista Filogênese**, Marília, v. 3, n. 1, p. 124-141, 2010.
- HEFT, Harry. **The Social Constitution of Perceiver-Environment Reciprocity**. Ecological Psychology, Granville, 2007, p. 85–105. Disponível em: <<http://enactionschool.com/resources/papers/social%20constitution.pdf>> Acesso em: 28 jun. 2016.
- IBRI, Ivo Assad. **Kósmos e Noetós: A arquitetura Metafísica de Charles S. Peirce**. São Paulo: Paulus, 2015.
- LARGE, D. N. **Ecological philosophy**. Web Version. Jun. 2003. Disponível em: < <http://www.newphilsoc.org.uk/OldWeb1/Ecological/DavidLarge.PDF>> Acesso em: 02 jun. 2016
- PEIRCE, C. S. **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1972.
- SANTAELLA, Lúcia. **A assinatura das coisas: Peirce e a literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.